



---

**REPRESENTAÇÕES ESPACIAIS, JUVENTUDE E PERIFERIA:  
GUAJUVIRAS/CANOAS/RS E SEUS DESAFIOS URBANOS**

**REPRESENTATIONS SPACIAL, YOUTH AND PERIPHERY:  
GUAJUVIRAS/CANOAS/RS AND ITS URBAN CHALLENGES**

**Cláudia Luisa Zeferino Pires\***

Doutora em Geografia/Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

E-mail: [claudia.pires@ufrgs.br](mailto:claudia.pires@ufrgs.br)

Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil

**Ana Regina Falkembach Simão**

Doutora em História/Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Professora da Escola Superior de Propaganda e Marketing

E-mail: [aanasimao@gmail.com](mailto:aanasimao@gmail.com)

Canoas, Rio Grande do Sul, Brasil

**Kátia Maria Paim Pozzer**

Pós-Doutora em História/Université Paris-Ouest Nanterre la Défense

Professora da Universidade Luterana do Brasil

E-mail: [pozzer@terra.com.br](mailto:pozzer@terra.com.br)

Canoas, Rio Grande do Sul, Brasil

---

\*Endereço: Cláudia Luisa Zeferino Pires

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Geociências, Departamento de Geografia, Avenida Bento Gonçalves - Prédio 43.136 Campus do Vale, Agronomia, 95000-000 - Porto Alegre, RS - Brasil.

**Editora: Dra. Marlene Araújo de Carvalho**

**Artigo recebido em 03/02/2013. Última versão recebida em 05/03/2013. Aprovado em 06/03/2013.**

**Avaliado pelo sistema Triple Review: a) Desk Review pela Editora-Chefe; e b) Double Blind Review (avaliação cega por dois avaliadores da área).**

## RESUMO

Este artigo referencia discussões sobre representações espaciais do jovem morador do bairro Guajuviras/Canoas/RS e como estas se tornam importantes na atualidade, sobretudo em nossas cidades, não apenas no âmbito do estudo acadêmico, mas pelo papel fundamental na formulação de políticas públicas, uma vez que cada vez mais governos e movimentos sociais compartilham enorme responsabilidade na busca conjunta de ações capazes de resultar em melhorias potenciais. Compreende reflexões sobre comunidades periféricas, porém entendidas como o centro e tendo seus sujeitos como atores principais, e não mais como mero entorno e simples coadjuvantes dos processos econômicos e sociais da cidade.

**Palavras-chave:** periferia; lugar; juventude; Guajuviras.

## ABSTRACT

This article takes discussions about spacial representations of the young resident from Guajuviras neighborhood in Canoas city, RS, and therefore those discussions has become important nowadays, above all in our cities, it doesn't happen just in the academic study, but by the key role in the formulation of public policies, since ever more governments and social movements share great responsibility in search of join actions that can result in potential improvements. They include surrounding communities reflections, but they are understood as the center and they have the main actors as subjects, and they are no more mere and simple adjuncts of economic and social processes of the city.

**Key words:** periphery; place; youth; Guajuviras.

## INTRODUÇÃO

*“Estamos convencidos de que a mudança histórica em perspectiva  
provirá de um movimento de baixo para cima,  
tendo como atores principais os países subdesenvolvidos  
e não os países ricos; os deserdados e os pobres  
e não os opulentos e outras classes obesas;  
o indivíduo liberado participe das novas massas  
e não o homem acorrentado;  
o pensamento livre e não o discurso único.  
Os pobres não se entregam e descobrem a cada dia  
formas inéditas de trabalho e de luta;  
a semente do entendimento já está plantada e o passo seguinte é o seu florescimento  
em atitudes de inconformidade e, talvez, rebeldia.”*  
**Milton Santos: 2001**

Refletir sobre a periferia, como refletir sobre as metrópoles, constitui dois momentos de uma mesma e vital tarefa que cabe a todos. “Que futuro para o mundo?”, pergunta o cientista social Immanuel Wallerstein ao lembrar que três clivagens geopolíticas definirão os destinos do planeta nas primeiras décadas do século XXI, ao contrário do que sugerem a maior parte das análises contemporâneas. Pois ao lado de clássicas disputas como os conflitos entre norte e sul, Wallerstein (2004) aponta para a luta entre o espírito de Davos e o espírito de Porto Alegre, quando da realização do Fórum Social Mundial para explicitar um tipo de sistema-mundo que pretendemos construir. Esta última coloca em cena dois grupos, movimentos e/ou estratos que se encontram espalhados por todo o planeta e que, segundo o autor, é a mais importante, porque é aquela que se relaciona com o futuro do mundo para os próximos 500 anos. São espíritos em contraposição direta, mas ambos são “movimentos de transformação”, fóruns ou arenas públicas que esperam ser observadas publicamente e persuadir publicamente. Se “outro mundo é possível” este será em oposição àquele imaginado – aliás, implementado – por Davos. (WALLERSTEIN, 2004).

Se o Fórum Econômico Mundial se vangloria de ter como membros mais de mil dos “principais empreendimentos em nível global”, o Fórum Social Mundial responde com a reunião de mais de mil movimentos sociais da “maior variedade”. Frente ao local de encontro “dos poderosos e aspirantes a poderosos do mundo”, Porto Alegre, no Fórum Social Mundial, apresentou-se ao mundo como um espaço de reunião aberto, onde diferentes pessoas, culturas, grupos sociais e movimentos da sociedade civil opostos às políticas neoliberais e a um mundo dominado pelo capital ou por qualquer forma de imperialismo, mas empenhado na construção de uma “sociedade planetária centrada na pessoa humana”, juntam-se para prosseguir o seu pensamento e debater ideias democraticamente, de modo a “formular propostas, partilhar

livremente suas experiências e organizar-se para uma ação efetiva” (apud WALLERSTEIN, 2004, p. 294-295).

É significativo o fato de Wallerstein utilizar duas cidades – Porto Alegre e Davos – para ilustrar uma possibilidade concreta de mudança no sistema-mundo que – para além de ser uma categoria de análise das Relações Internacionais e de interferência dos Estados – é um espaço construído, sobretudo, pela sociedade. Embora saibamos que o autor, neste estudo, não tenha o interesse de analisar as cidades através de sua localização geográfica, mas sim observar o “espírito” dos distintos Fóruns, pode-se argumentar que as cidades representam material e objetivamente o espaço da vida, do trabalho, da política, do contato, dos embates sociais em dimensões mundiais. E, portanto, é no espaço citadino que se operam mudanças e transformações que interferem inclusive na construção do um novo sistema-mundo.

A cidade tem sido um tema e o lócus de debates acadêmicos, de movimentos sociais, assim como tem se destacado na agenda política dos gestores públicos. De certa forma, os problemas das megalópoles, sejam de países ricos ou de regiões consideradas “pobres” ou emergentes, são comuns no que se refere à questão dos excluídos do processo econômico. Conforme aponta Philip Goulib (2009: 6), pela primeira vez na história da humanidade “a população mundial que vive em áreas urbanas ultrapassou, entre 2007 e 2008, a daquelas que vivem em áreas rurais. Agora mais de 3,3 bilhões de pessoas moram em cidades”. Certamente este aumento significativo da população vivendo em cidade tem sido maior e mais complexo nos países do Sul, em comparação com as grandes cidades dos países do Norte. Mas, em que pese a distinção entre Sul-Norte, o aumento da pobreza urbana e a segmentação social a que as grandes cidades estão expostas apresentam-se como um dos desafios para os gestores, pesquisadores e movimentos sociais nas próximas décadas.

Refletindo sobre estas circunstâncias políticas, os trabalhos de pesquisa dentro do atual Observatório Internacional de Cidades da Periferia buscaram articular movimentos de integração entre universidade, movimentos sociais e sociedade. A pesquisa deu-se em Canoas, município da Região Metropolitana de Porto Alegre. Especificamente o recorte espacial escolhido foi o bairro Guajuviras/Canoas/RS.

Entende-se que o Observatório Internacional de Cidades da Periferia proporciona um espaço amplo de pesquisa e de extensão universitária integradas, envolvendo o diálogo entre a universidade, os gestores públicos da cidade e as comunidades organizadas. Dentro de reuniões sistemáticas, questões como: O que é ser periférico? O que é uma periferia? Qual a relação de uma periferia com uma metrópole? Qual a relação entre uma periferia e uma cidade qualquer do mundo? Como são as relações no espaço público em uma periferia? Qual o papel

da universidade e seu conhecimento produzido para *a* e *com* a periferia? A partir destes questionamentos, optou-se em construir um espaço de diálogo através de um curso de extensão denominado *Um lugar no mundo e o mundo no lugar: desafios das cidades da periferia para o século XXI*, em 2008. As entidades promotoras foram a universidade (Ulbra), a CUFA e a FALP, além da participação de lideranças comunitárias de Canoas e Porto Alegre. O propósito deste foi relacionar e comparar a realidade de diferentes periferias e ouvir os moradores locais; conhecer seus saberes e as formas como reconhecem suas identidades, buscando soluções para problemáticas associadas aos diversos sistemas socioambientais e culturais. Desta ação, sistematizou-se uma metodologia cujos propósitos de pesquisa envolviam a participação de diferentes movimentos sociais, representantes da gestão pública e universidade.

Nesta proposta verificou-se o quanto o pensamento acadêmico é fundamentado em enunciados e através deles se constrói um léxico e um método que produzem uma linguagem específica, porém diferente da popular. Os dispositivos de intelectualidade são múltiplos e separados. Se existe um pensamento das pessoas (sujeitos de pesquisas que são comumente denominados de objetos), este está fora do pensamento da academia e do Estado. O princípio de compreensão, o pensamento das pessoas, não é constituído de enunciados, mas de palavras (palavras problemáticas) sugeridas em parte por moradores, - no campo de estudo, o bairro Guajuviras -, por lideranças comunitárias e por movimentos sociais. Essa premissa tornou-se importante na discussão inicial da pesquisa, pois, conforme Foucault (2000), o saber consiste, em referir a linguagem à linguagem, ou seja, restituir as palavras e as coisas. Em fazer tudo falar. O que é próprio do saber não é nem ver, nem demonstrar, mas interpretar.

O grande problema de pesquisa passou a ser a polissemia: pensar é suspender a polissemia, é designar um sentido único, específico e a nossa proposta foi buscar saber qual a compreensão das palavras, sem a polissemia, para designar uma prévia interpretação. Que palavras as pessoas (jovens homens e jovens mulheres) enunciavam para designar determinadas coisas. As pessoas não eram informantes, mas interlocutoras da pesquisa. Nessa perspectiva, a situação de pesquisa não é simples, porque, contraditoriamente, a academia e o Estado possuem questões que lhe interessam somente, mas que não são importantes para as pessoas, sujeitos da pesquisa. Estas são algumas das questões que refletimos sobre a caminhada desta pesquisa e que requerem um olhar atento dos pesquisadores sobre seus ensaios metodológicos.

## **PORQUE AS JUVENTUDES...**

Para Bourdieu (1983), o jovem é uma etapa marcada biologicamente que corresponde a um *status* temporário entre “meio criança, meio-adulto”. A juventude é um fato sociocultural heterogêneo e não um agrupamento de faixas etárias, nas quais cada sociedade estabelece o entendimento e representação do que é ser jovem nas suas dimensões individuais e coletivas. Para o autor, juventude e velhice não são dados, mas construídas socialmente pela luta entre jovens e velhos: *somos sempre o jovem e o velho de alguém*. Contudo, muitas políticas públicas vêm sendo implementadas com base no Estatuto da Juventude (2011) que considera jovens as pessoas entre 15 a 29 anos de idade e que vão dispor sobre a participação juvenil na organização social e política da sociedade brasileira, seus direitos e deveres. Falar de jovem não significa falar de juventude. Esta heterogeneidade é bem conceituada por Carrano (2011) através dos gestos, dos símbolos, das formas de utilizar o corpo, de viver e de agir que produzem a experiência comunitária de vivência da juventude. Para o referido autor, os acordos intersubjetivos de cada sociedade vão conceituar ou representar a condição juvenil. Certamente, a juventude merece destaque nos espaços de discussão da gestão pública e dos movimentos sociais para que se possam constituir políticas públicas que atendam às possibilidades de inserção do jovem no campo profissional, sociocultural, etc. Nesse sentido, o lugar torna-se uma referência importante, pois evoca relações afetivas e subjetivas que podem auxiliar na relação do sujeito com o seu espaço de vida.

### **Ações metodológicas:**

Para atingir a orientação metodológica mencionada, a pesquisa teve 3 etapas de construção ao longo de 3 anos:

**ETAPA 1** – A pesquisa foi construída a partir de um grupo de estudo que pretendia desenvolver uma proposta dialógica de investigação. Numa perspectiva metodológica, três pesquisadores (representantes da universidade, da gestão pública e da comunidade local) desenvolveriam um conjunto de questões acerca das identidades locais e dos possíveis conflitos territoriais. Este grupo realizou, em conjunto, trabalhos de campo, constituindo categorias explicativas de diferentes agentes que configuram o lugar e o sentido de periferia no bairro Guajuviras. Deste trabalho resultou um primeiro roteiro de entrevistas que passou por ajustes, resultando numa nova proposta de pesquisa. Ver quadro 1.

**ETAPA 2** – Relativa a processos de reconhecimento territorial do bairro Guajuviras, esta etapa constituiu em conhecer e caracterizar o recorte espacial da pesquisa, assim como direcionar para as questões de identidade e juventude. Nesta etapa, as interlocuções passaram a ser no Colégio Estadual Jussara Maria Polidoro. Ver quadro 1, etapa 2

**ETAPA 3** – Interlocução com jovens entre 15 e 25 anos estudantes do Colégio Estadual Jussara Maria Polidoro e moradores do Guajuviras. Nesta etapa foram redefinidos questionamentos que pudessem tratar de identidade, territorialidade, desejos, possibilidades e mobilidade. Ver quadro 1, etapa 3.

<p><b>Etapa 1 - Roteiro de entrevista direcionado a mulheres, homens e jovens moradores do bairro Guajuviras</b></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1) Fale sobre você.</li> <li>2) Como você veio morar aqui?</li> <li>3) O que você pensa do lugar onde você mora?</li> <li>4) O que você gosta do lugar onde você mora? Por quê?</li> <li>5) O que você não gosta do lugar onde você mora? Por quê?</li> <li>6) Em sua opinião, qual o maior problema que existe neste bairro? Como ele poderia ser resolvido?</li> <li>7) Existe alguma associação neste bairro? O que ela faz? O que você pensa desta associação?</li> <li>8) Em sua opinião, qual é o papel da prefeitura? Ela está cumprindo este papel?</li> <li>9) Em sua opinião, qual é o papel do governo do Estado? Ele está cumprindo este papel?</li> <li>10) Em que você confia?</li> <li>11) O que significa o Estado para você?</li> <li>12) Para você, o que é justiça?</li> <li>13) O que é comunidade?</li> <li>14) Você se sente fazendo parte de uma comunidade?</li> <li>15) Se existe algo para mudar, o que você mudaria?</li> <li>16) O que você quer dizer ainda?</li> <li>17) O que você pensa desta entrevista?</li> </ol>
<p style="text-align: center;"><b>Etapa 2 – Reconhecimento territorial do bairro Guajuviras</b></p> <p><b>Levantamento bibliográfico e de dados quantitativos e qualitativos:</b> As referências bibliográficas têm como objetivo específico detalhar e levantar questões sobre as informações do recorte espacial escolhido.</p> <p><b>Trabalhos de campo:</b> Os trabalhos de campo visaram analisar diferentes territorialidades, assim como realizar entrevistas;</p> <p><b>Análise e Interpretação dos dados:</b> A partir da coleta de dados, foi construído um dossiê que possibilitou discutir junto com a comunidade e representantes da gestão municipal de Canoas, ações de fortalecimento de identidades, de promoção de justiça socioambiental, bem como dos desdobramentos da pesquisa.</p>
<p style="text-align: center;"><b>Etapa 3 – Roteiro de entrevista direcionado aos jovens</b></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1) Há quanto tempo você mora no seu bairro?</li> <li>2) O que você pensa do lugar onde você mora?</li> <li>3) Qual é sua lembrança (memória) mais antiga do lugar onde você mora?</li> <li>4) Quais os pontos de referencia (lugar) na cidade que você mora? Por quê?</li> <li>5) Para onde (lugar) você precisa se deslocar, fora do lugar de onde você mora? Por quê?</li> <li>6) Quantas e quais pessoas formam a sua família?</li> <li>7) Destes familiares, com quem você mora?</li> <li>8) Dentre as pessoas que formam a sua família, com quem você conversa e troca opiniões?</li> <li>9) Conte alguma lembrança marcante que você viveu com sua família.</li> </ol>

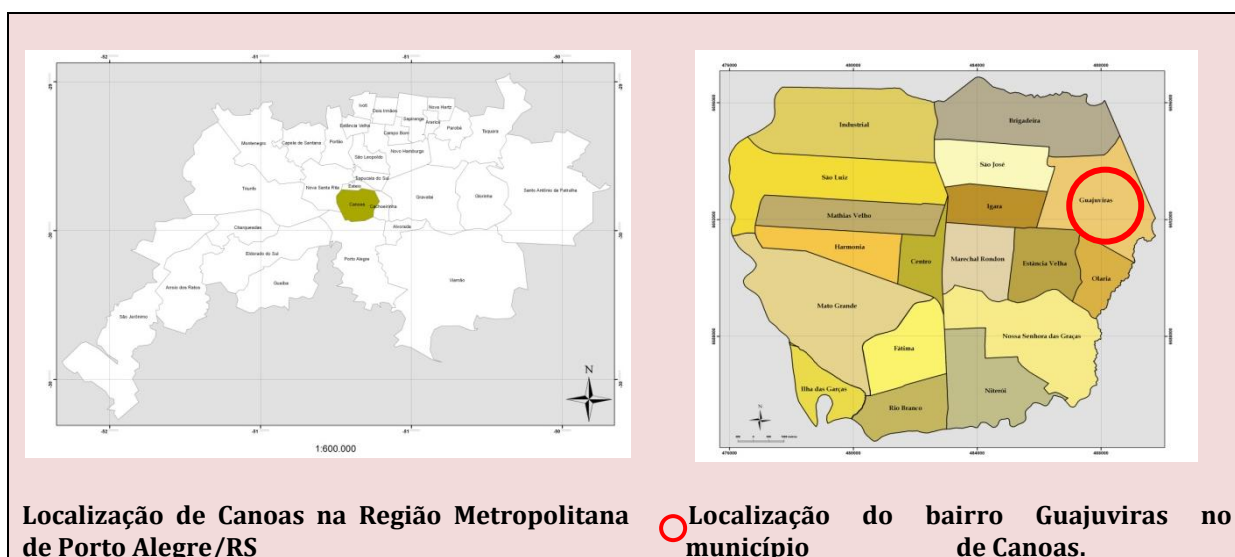
**Quadro 1 - Síntese dos procedimentos metodológicos**

Fonte: Elaboração própria.

## GUAJUVIRAS: O LUGAR, A LUTA E SUAS PERSPECTIVAS

O processo de produção e organização do espaço de Canoas está associado à intensa urbanização nas últimas décadas, produzindo uma cidade complexa em relação à distribuição das pessoas, dos sistemas de objetos (edifícios, casas, lojas, shoppings, ruas, avenidas, parques, igrejas, indústrias, universidades) e de seus fluxos territoriais (sistema viário). Sua complexidade reflete o processo da urbanização brasileira, apresentando diferenciações espaciais: as centralizadas que possuem infraestrutura básica, moradores com média e alta renda, desenvolvimento privado de atividades culturais e lazer; as segregadas, cujas moradias se encontram em áreas de risco socioambiental, possuem infraestrutura básica precária, além de estar marginalizada quanto ao processo de desenvolvimento cultural, mostrando uma paisagem fragmentada e desorganizada com espaços deteriorados. O Guajuviras representa, na literatura, lugares que Michael Schwarzer (apud Bauman, 2009: 26) chama de espaços periféricos de desmembrados, espécies de “zonas fantasmas”, nas quais “os pesadelos substituem os sonhos, e perigo e violência são mais comuns que em outros lugares”. Ainda que associado na mídia por estas características, há imaginários que ajudam a desconstruir parte dessas associações.

O Guajuviras é um bairro do município de Canoas, no Rio Grande do Sul, localizado na parte nordeste da cidade, sendo um dos mais populosos, com 39.526 habitantes, conforme censo do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2010). O município de Canoas possui 325.189 habitantes (IBGE, 2010) e é uma das economias mais importantes do Estado do Rio Grande. A figura 1 apresenta a área de estudo no contexto regional e municipal.



**Figura 1 – Contexto regional e municipal da área de estudo**

**Fonte: Banco de dados da pesquisa: Atlas social de Canoas, Curso de Geografia/ULBRA, 2007.**



Para os moradores do Guajuviras, a data mais importante é 17 de abril de 1987, correspondente ao dia da ocupação que se deu a partir de um processo de invasão no Conjunto Habitacional Ildo Meneguetti por pessoas sem moradia. O bairro Guajuviras nasceu dessa ocupação e, na época, foi considerado o maior aglomerado de habitações populares do Rio Grande do Sul. Foi um período que marcou a luta pela moradia na Região Metropolitana de Porto Alegre e no Estado. A tabela 1 apresenta o número de ocupações ocorridas durante o mesmo período na região metropolitana de Porto Alegre.

<b>Ocupações das Habitações Populares no Rio Grande do Sul em 1987</b>	
Porto Alegre	6
Alvorada	5
Gravataí	2
Canoas	1
Cachoeirinha	1

**Tabela 1 – Ocupações das Habitações Populares no Sul em 1987.**

Fonte: Elaboração Própria

Conforme PENNA (1998), que faz um resgate histórico do bairro a partir de entrevistas, consta o relato de Luiz Carlos Zacher, um dos participantes da ocupação, “o preço muito alto dos aluguéis, a política de salários do governo Sarney, o fracasso do Plano Cruzado e a imigração massiva da população do campo para a cidade, foram elementos que contribuíram para que a situação chegasse à esse ponto”. Esta observação permite avaliar o quanto era necessária a implementação de políticas habitacionais para a Região Metropolitana de Porto Alegre. Após seis meses de ocupação e de negociações com a Companhia de Habitação do Estado (COHAB), os ocupantes aprovaram, em assembleia geral, a proposta do governo e os 5.924 imóveis invadidos foram regularizados.

Durante o processo de pesquisa, uma palavra apareceu com frequência: “enfrentamento”. Esta palavra representa um significado importante para quem mora no Guajuviras. Representa o enfrentamento político, cultural, social evidenciado pelo lugar que ocupa, caracterizado por espaços fortemente marcados pela informalidade urbana, pela insegurança, violência, e falta de infraestrutura básica.

A territorialidade do bairro foi construída a partir da luta pela moradia. Essa representação é forte no imaginário de seus moradores e de muitos jovens que foram entrevistados. Alguns relatos da pesquisa demonstram bem essa significação quando foi perguntado: “Como você veio morar aqui?”. Abaixo, segue o quadro 2 com alguns relatos:

<i>Relatos individuais de jovens moradores do bairro Guajuviras – Origens</i>
<i>Eu vim desde a invasão, desde quando era Cohab, daí nasci no hospital da brigada, mas desde pequeno moro aqui, quando meus pais vieram não tinha dono aqui.</i>
<i>Eu nasci em Porto Alegre, mas vim morá aqui no Guajuviras. Meu pai veio do interior para trabalhar aqui, mas já faz uns 20 anos isso, ele ajudou a fundá o Guajuviras, a mãe também era de cidade pequena, e conheceu o pai daí teve que vim morá aqui.</i>
<i>Meus pais vieram pra cá na invasão, e depois que meu pai morreu, minha vó veio morar com a gente, pra minha mãe não ficar tão sozinha cuidando de mim. Como ela sempre trabalhou fora ficava difícil.</i>
<i>Eu nasci aqui em Canoas, sempre morei aqui, meus pais eu não sei muito bem porque vieram morar aqui, só sei que moravam aqui desde quando houve a invasão.</i>
<i>Vim morar quando ocorreu a ocupação das casas e apartamentos, eu nem tinha nascido ainda, mas sei que meus pais vieram bem no dia da invasão, eles queriam um lugar deles, pra eles morarem, e como tava tendo a invasão, eles vieram morar aqui.</i>
Fonte: Relato de pesquisa obtido por entrevistas a jovens moradores do bairro Guajuviras, Canoas/RS, 2009

**Quadro 2 - Relatos individuais de jovens moradores do bairro Guajuviras, 2009.**

A palavra “invasão” é muito mencionada não somente pelos entrevistados, mas também pelas pessoas com quem conversamos no bairro. A palavra “invasão” vai ao encontro do quanto se torna significante este espaço pelo direito à moradia. Essa relação remete ao que Foucault (2000) trata sobre o espaço das analogias, que no fundo é um espaço de irradiação, no qual o homem é por ele envolvido e que, inversamente, transmite semelhanças que recebe do próprio mundo. Há uma identidade que se construiu em torno do processo de ocupação e tornou-se identidade manifesta por estes jovens. A figura 2 retrata um pouco deste movimento pelo direito à moradia no final de década 80.



**Figura 2 - Movimento Popular: passeata em defesa ao direito à moradia (1989).**

Ilustração: Ana Cristina Froner, 2008.

Fonte: PENNA, Rejane (coord.) et alli. Canoas – Para Lembrar Quem Somos: Guajuviras. Gráfica SMEC-DPESA. Canoas, 2000.

Sobre a forma de organização urbana do bairro, é interessante destacar o que muitos jovens relataram. Abaixo, o quadro 3 representa algumas falas.

<b>Relatos individuais de jovens moradores do bairro Guajuviras – O lugar que moro</b>
<i>Atualmente eu gosto, mas já odiei. Mas por problemas meus, problemas familiares. O bairro é violento, a violência é mais concentrada nas vilas, eu nunca fui assaltado, eu moro num setor tranquilo. O lugar é afastado do centro, moro no setor 5, e se não me engano é o maior que tem, no Guajuviras as ruas não tem nome, mas o engraçado é que nas vilas as ruas tem nomes.</i>
<i>Moro no setor 1 com meus pais, estudo na 5ª série. Nasci no bairro, tenho 7 irmãos, meus pais vieram de Rio Branco, eles trabalham, a minha mãe é faxineira e o meu pai é maquinista. Eu cuido dos meus sobrinhos, e 2 irmãs moram fora, numa casa atrás.</i>
<i>Pessoa amiga de todos, pessoa que expressa opiniões em relação a tudo. Moro a 3 anos no bairro de Guajuviras, morei 18 anos em Esteio. Moro no setor 3, moro com meus pais, trabalho em Poa, todos da família trabalham.</i>
<i>Morava na Mathias, e depois da invasão, viemos pra cá, mesmo com medo das mortes, queriam uma casa própria. Já moramos aqui há 11 anos e meio, e antes era bem pior do que agora, muito matagal.</i>
<i>Eu moro bem no setor da invasão, vê gente fazendo tudo, fumando, matando.</i>
<i>Sou juntado com minha namorada, moramos num apartamento no setor 5, a minha namorada tem 18, daí a gente resolveu se juntá e morá junto porque já namorávamos há quase 5 anos, eu trabalho num supermercado, mas quando to de folga gosto de fica em casa, mas também não esqueci dos amigos, saiu igual com eles. Faço faculdade de Biologia, é difícil trabalhar, estudar e sustentar casa.</i>
Fonte: Relato de pesquisa obtido por entrevistas a jovens moradores do bairro Guajuviras, Canoas/RS, 2009

**Quadro 3 - Relatos individuais de jovens moradores do bairro Guajuviras, 2009**

No quadro 3, são apresentadas algumas falas que fazem referência ao lugar que ocupam no bairro identificada pela palavra “setor”. O bairro Guajuviras é dividido em setores de 1 a 6, sendo que em cada um deles a identificação das ruas dão-se por letras de A a Z. A figura 3 apresenta uma imagem do *Google Earth* que pontua a localização destes setores no núcleo urbano do bairro.



**Figura 3 – Localização dos setores no núcleo urbano do bairro Guajuviras**

Fonte: Google Earth, 2012.

Os jovens entrevistados, em sua maioria, retratam o bairro como o lugar de moradia, de vida e de possibilidades de ser reinventado, apesar de relatos sobre situações de violência, originadas por disputas territoriais de pontos por tráfico de drogas e por falta de infraestrutura presentes nos espaços escolares, na falta de pavimentação de ruas, falta de equipamentos nas praças, dentre outras coisas. Um jovem de 23 anos relata o seguinte sobre o lugar

Eu gosto porque conheço bem o bairro, eu gosto da geografia do bairro, tipo eu não me perco nas ruas, eu conheço tudo, pois moro há bastante tempo, gosto que tem bastante linhas de ônibus, a diversidade religiosa no bairro, ninguém precisa se deslocar, sou espírita, tem 3 centros (espírita) e evangélica tem mais por causa dos seguimentos. O comércio em geral tem bastante diversidade, tem bastante colégio, tem 2 postos de saúde, e o comércio mudou com o tempo. (Relato obtido por entrevista, 2009)

Atualmente, podemos citar algumas políticas de inserção do jovem por intermédio da criação da Casa da Juventude e do blog Território da Paz, construído por jovens do bairro que

buscam fortalecer suas expressões de identidade. As figuras 3 e 4 apresentam estas possibilidades.



Figura 3 - Casa das Juventudes do Território de Paz

Fonte: <http://www.canoas.rs.gov.br> acessado em outubro de 2011



Figura 4 – Notícia publicada no jornal Diário de Canoas no dia 15/02/2011

Fonte: <http://guajuvirasterritoriodepaz.blogspot.com.br> acessado em março de 2012.

Portanto, este lugar não é apenas um palco; mas, sobretudo, um ator na dinâmica social. Estas referências tornam-se marcos importantes para compreender as relações socioespaciais consolidadas no bairro Guajuviras, referenciadas sobretudo em identidades que se relacionam com a moradia, com o urbano. Identidades para Stuart Hall (1998, p.8), referem-se “àqueles aspectos de nossas identidades que surgem do nosso pertencimento a culturas étnicas, linguísticas, religiosas e, acima de tudo nacionais”. Entretanto, cabe ressaltar que falar de identidade implica falar também da diferença. Conforme explicitado por Tomaz Tadeu da Silva (2000), a identidade é marcada por características pelas quais grupos sociais se definem como grupos: aquilo que eles são, tornando-se inseparáveis daquilo que eles não são, daquelas características que os fazem diferentes de outros grupos [...] identidades e diferenças são construídas na (e através da) representação: não existem fora dela.

Através dos relatos, observa-se o quanto um sentimento de pertencimento se expressa por uma leitura feita do presente em direção ao passado (quando os jovens mencionam a ocupação do conjunto habitacional realizada pela família), que é lido e interpretado de acordo com os sistemas simbólicos atribuindo significados. É neste campo de forças onde se travam as lutas políticas, afetivas, identitárias e a paisagem resultante é uma acumulação de tempos, de contextos, de projetos diversos que compõem as referências da comunidade, apesar de serem negligenciadas pelo processo de gestão territorial. A ocupação que ocorreu no bairro Guajuviras em 1987 recebeu marcas intensas dos indivíduos que nele habitam e transitam e enquanto esta imagem resistir muitos jovens têm a impressão de certa continuidade, mas a vida segue com suas convulsões e transições neste cenário familiar e que aparentemente se conserva juntamente com seus desejos e angústias.

Uma abordagem interessante relaciona-se ao conceito de capital social de Bourdieu (1998) que compreende um conjunto de recursos atuais ou potenciais ligados à posse de uma rede durável de relações que por vezes estão institucionalizadas por um interconhecimento e por um inter-reconhecimento ou, em outros termos, à vinculação a um grupo, como conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns (passíveis de serem percebidas pelo observador, pelos outros ou por eles mesmos), mas também são unidos por ligações permanentes e úteis.

Segundo o referido autor, o poder simbólico surge como todo poder que consegue impor significações e as impõe como legítimas. Estes símbolos afirmam-se como instrumentos de integração social, reproduzindo a ordem estabelecida. O espaço surge como uma configuração de relações socialmente distribuídas e de diversas formas de capital - no caso da cultura, o capital simbólico. Segundo Bourdieu (1998), na sua estrutura (hierarquia de

posições, tradições, instituições e história) os indivíduos adquirem corporeidade que lhes permitem agir de acordo com as possibilidades existentes no interior dessa estrutura, denominada de *habitus* que funciona como uma força conservadora no interior da ordem social. Pierre Bourdieu elabora, assim, um sistema teórico que não cessará de desenvolver: as condições de participação social baseiam-se na herança dessas condições. O acúmulo de bens simbólicos e outros estão inscritos nas estruturas do pensamento (mas também no corpo) e são constitutivos do *habitus* (espaço) através do qual os indivíduos elaboram suas trajetórias e asseguram a reprodução social.

As questões supracitadas impõem-se na atualidade de nossas cidades não apenas por sua importância no âmbito socioespacial, mas, sobretudo, pelo papel fundamental na formulação de políticas públicas, uma vez que hoje, cada vez mais, os governos e os movimentos sociais compartilham enorme responsabilidade na busca conjunta de ações capazes de resultar em benefícios potenciais, especialmente para aqueles que mais sofrem com processos de exclusão, pelo simples fato de serem da periferia.

### **JUSTIÇA: DE VALOR A SER CONQUISTADO A SINÔNIMO DE PUNIÇÃO E REPRESSÃO**

Sobre a questão da Justiça, perguntou-se aos jovens “para você, o que é Justiça?” De forma geral, as respostas tenderam a ser objetivas, sobretudo se comparadas com as respostas que se referem ao Estado, como será visto a seguir. Em geral, os jovens responderam a esta questão com segurança, como ilustra a seguinte resposta: “Onde o correto se sobrepõe ao errado. Acho que a justiça na política não é feita. Acho que não é justo eu estar desempregado, eu me qualifiquei para ter um trabalho bom e tem gente que *não tá nem aí* e está trabalhando. Acho que neste caso não há reparação.” A frase nos remete a Bauman (2009: 23) ao lembrar que, hoje, a exclusão “não é percebida como resultado de uma momentânea e remediável má sorte, mas como algo que tem toda a aparência de definitivo”.

Ao analisarmos as respostas sobre a Justiça, foi possível dividi-las em duas categorias de respostas: a) Justiça vista como um valor a ser conquistado; b) Justiça como sinônimo de punição e repressão. No que se refere à primeira categoria, cabe destacar as seguintes respostas: “É a forma de lutar pelos direitos dos cidadãos, dos meus direitos. Existe, do ato de buscar a liberdade”; ou “uma maneira de procurar fazer a coisa correta”; ou ainda “quando alguém paga pelo que fez de errado. Só que o Brasil é igual a justiça zero. Só bandido e rico têm justiça, o povo que se dane.”

Quanto à categoria relacionada ao tema punição, observaram-se respostas como “eu aprovaria a pena de morte, porque uma pessoa que tira a vida de outra não merece viver”, bem como “não é matar porque foi morto, porque aqui no Guajuviras é assim. [Acho] que ninguém tem o direito de tirar a vida de ninguém. Pra tudo existe um diálogo, ir preso, pagar pelo crime, isso é justiça.”

## **O ESTADO, UM ESTRANHO OU DISTANTE DOS JOVENS CIDADÃOS**

Pensar sobre o Estado num país com as características do Brasil é um exercício de difícil análise, na medida em que exige a compreensão de características, que embora se apresentem no dia a dia da sociedade, não são compreendidas - conceitualmente - pela população em geral. A percepção da herança patrimonialista e de seus desdobramentos na sociedade, na política e na própria economia deve ser considerada na compreensão dos fenômenos sociais contemporâneos e suas representações, inclusive nas respostas aqui apresentadas pelos jovens da periferia de Canoas. Vale destacar que, conforme Simon Schwartzman (1986, 14), o Estado brasileiro neopatrimonial tem como característica uma sociedade civil fraca e com pequena articulação e, sobretudo, dependente de um Estado burocratizado e pouco eficiente.

A pergunta “O que significa o Estado para você?” teve respostas variadas e com um elevado grau de subjetividade. Mas, em que pese a elástica percepção de Estado que as respostas demonstraram, elas foram separadas em duas categorias: a) Estado como algo distante da sociedade e sem participação nela; b) Estado visto como uma Instituição, sendo comparado à Família. Na primeira categoria, fica evidente o que, de certa forma, já assinalamos acima. “Estado é quem manda. O Estado são os políticos que têm poder, e governam o país”, disse um jovem. “São os representantes, os políticos, que estão lá pra nos ajudar, é também um lugar”, confundiu-se outro entrevistado. “Não sei não. Que pergunta difícil vocês me fizeram, heim?. Acho que é quem tem o poder, não importa o lugar, ou local. Mas tem poder sobre tal coisa, lugar. É isso”, arriscou um terceiro.

Os traços do Estado patrimonial permearam grande parte das respostas que obtivemos. Observa-se que estes jovens não apenas não se sentem representados, como também expressam uma fragilidade e distanciamento em relação ao pesado e burocrático Estado brasileiro. A força desta estrutura histórica se reapresenta na fala dos jovens entrevistados, confirmando o que Schwartzman (1986, p.14), ao analisar uma das importantes características do Estado brasileiro, denunciou como “a apropriação das funções, órgãos e rendas públicas



por setores privados, que permanecem, no entanto, subordinados e dependentes do poder central”. Esta lógica, possibilitada por mecanismos de cooptação e exclusão, no qual alguns setores da sociedade são beneficiados pelo Estado, enquanto outros, a maioria da sociedade, é excluída da magnanimidade do Estado, não passa exatamente despercebida pelos jovens entrevistados: “Estado é quem manda. O Estado são os políticos que têm poder e governam o país”.

Por outro lado, a segunda categoria, o Estado visto como a família, parece ancorada em outra característica brasileira, o familismo. A relação institucional forte e que grande parte da sociedade brasileira considera presente em seu dia a dia é a família. Portanto, respostas tais como: Estado é “onde a gente mora, seria como a família pra gente, porque moram muitas pessoas” e o “Estado é como se fosse nossa casa, um lugar que todos devem se preocupar (sic), se preocupa com educação, saúde, violência, viver bem, tem que tê orgulho do nosso Estado, eu tenho” são frequentes e absolutamente explicáveis, sobretudo quando as instituições não respondem adequadamente às demandas da sociedade.

A força da característica familista da sociedade brasileira pode ser mais bem percebida pelo terceiro tópico que destacamos do universo das entrevistas dos jovens de periferia de Guajuviras. Trata-se da questão – delicada e reveladora – da confiança nas Instituições.

### **A CONFIANÇA “AUSENTE” E O REFÚGIO NA INSTITUIÇÃO FAMILIAR**

Ao serem perguntados “em que você confia?”, as respostas foram unânimes em demonstrar que estes jovens não confiam, absolutamente, em nenhuma instituição pública. Nas respostas, a única referência de confiança está na família. Como nesta declaração: “[confio] em mim mesmo e na minha família. Vocês acham que eu vou confiá (sic) em algum órgão público? Mas bem capaz. Eles não nos dão motivos pra quer nossa confiança. Todo dia aparece na TV um escândalo novo, uma roubo ali, outro aqui, desse pessoal que *ta* no poder. Daí não tem como confia”. Outra resposta: “Mas sem dúvida na família, eles me apóiam, me botaram no mundo, se preocupam comigo, vocês acham que eu vou confia em qual órgão publico?! Com certeza o poder público não se preocupa comigo, se *eu to* estudando, se meus pais tem como me sustentar, se eu saio de casa e volto, eles não tão nem ai, é só olhar para os índices de violência, se se preocupassem, já teriam mudado as leis, porque não adianta a policia prender e *as* leis soltarem. Como vou confia em um poder publico assim? Não tem como.” Para outro adolescente, “na minha família, eles me defendem , tenho onde morar,

ficar, porque o resto são tudo por dinheiro, ninguém pensa em ninguém. Nada funciona direito, todo mundo roubando.”

Curiosamente, a única resposta que indica confiança em outra instituição, neste caso a Polícia, vem de um rapaz cujo tio é policial. “Nos meus tios. E por incrível que pareça, nos porco também (a gíria “porco” refere-se aos policiais). Tenho um outro tio que é brigadiano, ele pelo menos sempre foi bom policial. Se eles não fazem mais, é porque não tem condições. Querem que eles façam milagres, mas como vão fazer se ganham mal [...]E ainda por cima não tem condições de vida e pior, eles prendem, o juiz solta e eles ainda tem que se cuida dos bandidos. Fala sério!”. Note-se, entretanto, que neste caso pontual, a instituição policial está endossada pelo (bom) exemplo familiar vivido pelo entrevistado.

### **O ORGULHO QUANTO À COMUNIDADE, APESAR DE TUDO**

Quando os jovens foram perguntados se tinham a sensação de fazer parte de uma comunidade, observou-se que, de todas as questões enfrentadas ao longo do questionário, esta foi a que mereceu as respostas mais rápidas, seguras e com domínio mais efetivo sobre o tema. O sentimento de pertencimento e de “orgulho” de fazer parte daquela comunidade – a do Guajuviras – foi demonstrado em praticamente todas as 25 entrevistas. A comunidade local foi vista como “o bairro, o local onde há uma vizinhança, onde trabalham, vivem os amigos”. Um rapaz disse: “acho que faço parte sim, bairro Guajuviras, talvez tenham pessoas que se ajudam, a vizinhança”. Outro foi mais longe: “Comunidade é um grupo... Não, na verdade depende, tem vários grupos que pensam em ajudar o bairro, outros, as crianças do bairro, comunidade são as pessoas que tem a intenção de ajudar o lugar onde moram, procurando melhorias que interessem a todos”. Ou ainda “é um lugar onde as pessoas moram e de alguma forma tentam se ajudar quando estão com algum problema ou ajudar o lugar onde vivem.”

Em que pesem as dificuldades e carências profundas do Guajuviras, os entrevistados se agarram a um sentimento de pertencimento e mostram profunda consciência quanto ao fato de ser este o seu lugar, sua referência não apenas espacial, mas afetiva. Um dos entrevistados, ao ser questionado respondeu “acho que sim. Do Guajuviras claro, eu moro aqui.” Outro fez referência ao bairro: “é o bairro, esse grupo de pessoas que mora aqui” e outro a sua rua e casa: “Sim, vivo aqui, é minha casa, to sempre por aí, na rua, conheço bastante gente.” Esse sentimento fica mais patente em outra declaração: “O lugar onde a gente vive puxa, tem

pessoas, amigos, tudo isso é uma comunidade. Porque se tão aqui é por causa que gostam, então sei lá, isso é a comunidade.”

A experiência da periferia de Guajuviras, enfim, parece confirmar, para o bem e para o mal, as análises de Zigmunt Bauman acerca da vida contemporânea e seus enormes desafios, dilemas e problemas. “É nos *lugares* que se forma a experiência humana, que ela se acumula, é compartilhada, e que seu sentido é elaborado, assimilado e negociado”, diz o sociólogo polonês em “Confiança e medo na cidade” (2009). “E é nos *lugares*, e graças aos *lugares*, que os desejos se desenvolvem, ganham forma, alimentados pela esperança de realizar-se, e correm risco de decepção – e, a bem da verdade, acabam decepcionados, na maioria das vezes” (BAUMAN: 2009: 35) [grifos do autor].

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O lugar é um polarizador de desenvolvimento e objeto do processo de planejamento que deve ser compreendido em dois níveis: no mundo e no lugar. Este é o desafio epistemológico enfrentado na atualidade e por pesquisadores acadêmicos, planejadores territoriais e gestores públicos. A totalidade almejada pelo planejamento não deve ser entendida como mera soma dos setores abordados metodologicamente. Uma metrópole com um sistema de transporte, de vias públicas, de áreas de lazer, de educação e de saúde bem planejados não se constitui, necessariamente, num excelente lugar. Se fosse assim, as regiões metropolitanas seriam grandes paraísos. Na metrópole encontramos o que Milton Santos (1999) chama de “tempos curtos” (cotidiano), “tempos ocultos”, “tempos acelerados” e “tempos herdados”; que impõem ritmos e ações que singularizam os lugares que compõem cada região metropolitana. Nesta perspectiva, acredita-se que o pensar sobre o lugar a partir da fala destes jovens possa contribuir para repensar os seus espaços de vida.

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e Medo na Cidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

BORDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

\_\_\_\_\_, Pierre. **A juventude é apenas uma palavra**. In: Questões de sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

CARRANO, Paulo. **Identidades culturais juvenis e escolas: arenas de conflitos e possibilidades.** In: MOREIRA, Antonio. CANDAU, Vera. Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas. São Paulo: Ed. Vozes, 2011.

FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas.** São Paulo: Martins Fontes, 2000.

GOULUB, Philip. **Saturação da Metrópolis.** Le Monde Diplomatique – Brasil. Ano 3, Número 32, 2010.

HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós-modernidade.** 10ª ed. DP&A Editora, 2005.

PIRES, Cláudia. LINDAU, Heloisa. MARTINS, Rafael. **Atlas social de Canoas: Curso de Geografia.** Canoas: ULBRA, 2007, Relatório de Pesquisa. (mimeo)

PENNA, Rejane; CORBELLINI, Darnis; GAYESKI, Miguel. Guajuviras: **História de uma luta.** Canoas: La Salle, 1998.

PFEIL, Antonio Jesus. **Canoas: Anatomia de uma cidade.** Canoas: 1995.

PUTNAM, Robert. **Comunidade e Democracia.** A experiência da Itália Moderna. Rio e Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2007.

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo – Globalização e meio técnico científico informacional.** São Paulo: Ed. Hucitec, 1994.

\_\_\_\_\_, Milton. **Técnica, espaço, tempo: razão e emoção.** São Paulo: Hucitec, 1999.

\_\_\_\_\_, Milton; SILVEIRA, Maria L. **O Brasil território e sociedade no início do século XXI.** Rio de Janeiro: Ed. Record, 2003.

\_\_\_\_\_, Milton. **Por uma outra globalização – do pensamento único à consciência universal.** São Paulo: Record, 2001.

SILVA, João Palma da. **As origens de Canoas.** Canoas: 1989.

SCHWARTZMAN, Simon. **As Bases do Autoritarismo.** Rio de Janeiro: Publit Soluções Editoriais, 2007.

SORJ, Bernardo. **A Nova Sociedade Brasileira.** Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

SIMÃO, Ana. PIRES, Cláudia. POZZER, Kátia. **Observatório Franco-Brasileiro de Cidades da Periferia.** Canoas: ULBRA, 2009. Relatório de pesquisa (mimeo)

WALLERSTEIN, Immanuel. **O Declínio do Poder Americano.** Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.

## Agradecimentos

Este artigo compreende reflexões de trabalhos de pesquisa dentro do Observatório Internacional de Cidades da Periferia, é um projeto que integra a pesquisa e a extensão na busca da compreensão das diferentes realidades enfrentadas pelos habitantes que ocupam áreas socioespaciais periféricas. Esta investigação teve início em maio de 2008, a partir da assinatura do Protocolo de Cooperação firmado entre a Universidade Luterana do Brasil (ULBRA) e a *Université de Paris 8 - Saint Denis* (França). O projeto conta, ainda, com a parceria da Prefeitura da cidade de Canoas, da Prefeitura da cidade de Nanterre (França), do Fórum de Autoridades Locais de Periferia (FALP), da Rede de Cidades e da Central Única das Favelas – CUFA (Brasil).